

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

PODEROSOS NO TRONO
E RICOS DE MÃOS CHEIAS

Nossas lapinhas de Natal — tão bonitinhas e asseadas em meio ao gado de gesso — cumprem finalidade que adoramos! Disfarçam líricamente a crua realidade de agressiva pobreza, no meio da qual Jesus veio ao mundo. A gente então não se inquieta, fazendo relação com as reencarnações de Cristo, nos pobres e miseráveis nascendo e morrendo. Tais relações, como se sabe, são um pé no saco do espírito natalino. É deixar pra lá e partir para as ceias e vinhos, ao som de Noite Feliz.

Em ambiente de pobreza e opressão — como ensina o texto-base da Campanha da Fraternidade — em família pobre e operária, em companhia de Maria e José, na solidariedade com os empobrecidos e na fidelidade à religião de seu povo, nasceu e cresceu Jesus, que veio para cumprir a Lei e realizar a Nova Aliança, "com o espírito e o poder de Elias" (Lc 1,17), de Moisés (cf. At 3,22) e de todos os profetas. No cumprimento de sua missão, o Reino de Deus que ele anuncia e traz, Jesus retoma a imagem da Terra Prometida. De fato, anunciando o Reino, Jesus proclama: "Bem aventurados os humildes porque receberão a posse da terra" (Mt 5,4).

A promessa da Nova Aliança tornou-se realidade em Jesus Cristo. O verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, Jesus, é a Aliança personificada: união perfeita e definitiva entre o divino e o humano. Nele incorporados, somos "filhos no Filho", constituindo juntos a família de Deus. Ninguém mais é estrangeiro ou estrangeiro (Ef 2,19-22), todos têm o mesmo Pai, a mesma vida, o mesmo destino.

Vivendo essa filiação divina, somos impelidos a viver, em Jesus Cristo, a fraternidade libertadora com todos os homens, especialmente com os pobres, e também com a natureza, "pois — escreve São Paulo — a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade... na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção, para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8,19-22). Este Reino que devemos vivenciar na história tem,

porém, sua plenitude na escatologia, isto é, além da história.

Jesus, em seus ensinamentos, recolhe de sua experiência no campo a maioria das parábolas do Reino, que se baseiam em elementos da vida e da história, para mostrar como vem o Reino de Deus, um Reino gratuito, dado a todos. É importante recebê-lo na fé, pela adesão a Jesus Cristo; mas, ao mesmo tempo, é necessário prepará-lo, colaborando na sua construção em nosso mundo: de fato, ele é dado não aos que dizem "Senhor, Senhor!", mas àqueles que praticam a vontade do Pai (cf. Mt 7,21) e são violentos em conquistá-lo (cf. Mt 11,12).

O Reino de Deus, assim como a Terra Prometida, tem uma dimensão presente e vigente que, entretanto, não esgota o seu conteúdo. Já está entre nós (cf. Lc 17,21), mas é sempre objeto de esperança (cf. Lc 11,2). Ele é totalmente novo. Esta novidade radical lhe dá um caráter conflitivo, uma característica de inconformidade com a situação vigente, uma oposição aos reinos do mundo. Esta marca de conflito que o Reino de Deus traz é radicalmente espiritual e, ao mesmo tempo, tem profundas dimensões e implicações sociais e políticas.

O centro do Novo Testamento é a vida, morte e ressurreição de Cristo. É a vitória daquele que os romanos, com a conivência dos grandes do povo, mataram, mas Deus ressuscitou, tornando-o Senhor, fonte de vida e salvação. Esta vitória do Cristo crucificado garante que "o que é fraqueza no mundo Deus escolheu para confundir o que é forte" (1Cor 1,17-31). "A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular" (Sl 118,22).

Esta vitória dá razão aos pobres, aos lavradores, aos moradores das periferias urbanas, às comunidades indígenas e, em geral, a todos os pequenos que redescobrem Jesus Cristo como Filho de Deus que se tornou um deles e foi imolado. Como cantou Maria, Deus "depôs poderosos de seus tronos e exaltou os humildes; cumulou de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias" (Lc 1,52-53). (F.L.T.)

IMAGEM
LACRIMINOSA

1. Tá bem, seu Guerra. O senhor tem a preferência e paga o que o senhor puder. Pode pagar dez por cento de seu ordenado? cinco? dois? um por cento simbólico? Seu Guerra, desfeito em lágrimas de pobreza extrema, pega de corpo e alma neste salvador um por cento, e diz que sim, que com muito sacrifício pagará dez mil cruzeiros de aluguel. Seu Guerra ainda se derama em lágrimas sentidas e doridas, afirmando que se a paróquia soubesse a situação dele, nem aceitaria os dez mil cruzeiros. Um por cento.

2. Todo o mês seu Guerra vinha pagar pontualmente os dez mil cruzeiros do aluguel mais sacrificado deste mundo. Vinha chorando, lamentando, que não é pouco não, seu vigário. É até muito para quem ganha só um milhão de cruzeiros, como eu, depois de aposentado com trinta e cinco anos de trabalho pesado. Que é um milhão, seu vigário? Pago aluguel, pago luz, pago água, pago comida, pago impostos, pago o diabo, seu vigário, e no fim não tenho nada. O governo rouba os aposentados, sim, senhor, rouba, rouba.

3. Mas se no meio das acusações contra o governo o vigário aproveitava a brecha para lembrar o irrisório aluguel de dez mil cruzeiro, seu Guerra caía em prantos, desfazia-se em lamentos, implorava a misericórdia da Igreja que devia era não cobrar nada de um pobre aposentado. E depois, seu vigário, acontece que o telhado está uma renda, entra água por todas as telhas, tudo molhado, estragado, uma tristeza. O senhor vai mandar consertar a casa? precisa também pintar, mudar o vaso, a instalação elétrica... (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

A GRANDE RECONCILIAÇÃO

• Pela sua Paixão, Morte e Ressurreição, pela sua Mensagem, pela sua Igreja (que é sacramento primordial da salvação) Jesus Cristo lançou os fundamentos e realiza a grande reconciliação: minha comigo mesmo; minha com meus irmãos; dos irmãos entre si; da humanidade com Deus.

• Como aparece diante dos nossos olhos este mundo concreto que, em união com o Grande conciliador, temos de reconciliar, parcialmente embora? Aí estão as injustiças sociais, as discriminações cruéis, as omissões e ignorâncias, as violências sangrentas, as profanações da dignidade humana, a corrupção, o elitismo dos grupos dominantes, as violações dos direitos fundamentais do homem. Olhando a sorte da maior parte do nosso Povo, podemos e devemos perguntar: Onde

ficou a imagem e semelhança de Deus nestes nossos irmãos e irmãs constantemente violentados e violados?

• Além dos pecados pessoais, há terríveis pecados sociais que são, já de coração tranquilo, cometidos por toda a sociedade, para atingir os irmãos fracos e abandonados.

• Em nosso país ninguém porá em dúvida a esquizofrenia social que divide o nosso Povo: de um lado, uma pequena minoria do poder, do direito, das vantagens, dos privilégios, da dominação absoluta e cega. E do outro, a grande maioria de irmãos/irmãs marginalizados, abandonados, explorados, manipulados, abusados sem o menor escrúpulo.

• Não podemos absolutamente dizer que o que está aí, aos nossos olhos, é expressão da vontade de Deus. Não é expressão da

vontade de Deus que nos fez irmãos, filhos, herdeiros do reino dos céus.

• No correr dos séculos vai-se processando, continuamente, a dinâmica da reconciliação universal até se tornar realidade perfeita na plenitude dos tempos.

• Neste processo de reconciliação em marcha, temos nosso lugar, nós que assumimos conscientemente nossa missão de Igreja, de acordo com os carismas que nos são dados pelo Espírito e de acordo com as nossas disponibilidades.

• É impossível que corresponda à vontade de Deus, que seja parte do plano de amor do Pai a manipulação secular do nosso Povo, em todos os períodos de nossa História, entregue à sua própria sorte, sofrendo o que o diabo enjeitou. (A.H.)

3º DOMINGO DA PÁSCOA (13-04-1986)

A = Animador; C = Comentador; L = Leitor; S = Sacerdote. * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa da Páscoa, série "A CAMINHO DO PAI", 2B; Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



Cristo ressuscitou, aleluia! Venceu a morte com amor! (bis) Aleluia!

1. Tendo vencido a morte o Senhor ficará para sempre entre nós / para manter viva a chama do amor que reside em cada cristão a caminho do Pai.

2. Tendo vencido a morte o Senhor nos abriu um horizonte feliz, / pois nosso peregrinar pela face do mundo terá seu final na morada do Pai.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. **P. Amém. Aleluia!**

S. Irmãos, proclamemos em alta voz: "O Cordeiro imolado é digno de receber o poder, a riqueza, a sabedoria e a força, a honra, a glória e o louvor".

P. "O Cordeiro imolado / é digno de receber o poder, e a riqueza / a sabedoria e a força / a honra, a glória e o louvor!"

S. "Aquele que está sentado no trono e ao Cordeiro pertencem o louvor e a honra, a glória e o poder para sempre".

P. Amém! Para sempre, amém! Aleluia!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

(Não esquecer de lembrar os motivos próprios que a Comunidade tem para celebrar).
C. Somos uma comunidade de fé. Estamos presentes no mundo e participamos da História do Povo de Deus. Só através da obediência a Deus é que saberemos acolher, ouvir e ajudar aos homens de boa vontade. Pois vive a Páscoa quem se compromete com a vontade corajosa e disponível de Deus. Jamais devemos temer. Devemos lutar pela reconquista da vida e da terra, a partir de nossa oração e de nossas ações concretas.

4 ATO PENITENCIAL

(Pode ser feito também, após as leituras).

S. Acreditamos em nosso esforço e em nossa boa vontade. Mas reconhecemos nossas falhas e nossas limitações. Nem sempre somos obedientes a Deus. Neste nosso pequeno silêncio, pedimos perdão ao Pai acolhedor e cheio de misericórdia. (Pausa para revisão de vida).

S. Senhor, continuas caminhando conosco, e nos acolhe quando nos arrependemos de nossas faltas e omissões.

P. (canta, braços erguidos e mãos dadas): Segura na mão de Deus (2x). Pois ela, ela te sustentará. / Não temas, segue adiante e não olhes para trás. / Segura na mão de Deus e vai!

S. Cristo, apesar da nossa condição de pecadores, continuas nos salvando e nos chamando à vida.

P. (canta): Segura na mão de Deus...

S. Senhor, sabemos que tua vontade é que todos nós sejamos obedientes ao Pai. Juntos, manifestamos nossa gratidão, porque continuas intercedendo por nós junto ao Pai.

P. (canta): Segura na mão de Deus...

S. Deus Pai, amigo e misericordioso, amoroso e cheio de compaixão ajuda-nos em nossa caminhada a fazer a sua vontade, perdoando-nos de nossos pecados e guiando-nos à vida eterna, por Cristo ressuscitado. **P. Amém!**

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor tende piedade de nós!

S. Cristo, tende...

5 GLÓRIA

Glória, Glória nas alturas! Paz e amor na terra aos homens! Dêem-vos Glória criaturas! Dêem-vos graças e louvores!

1. Nós vos louvamos, ó Criador! Vos bendizemos por vosso amor!

2. Nós vos louvamos, Senhor Jesus! Vos aclamamos por vossa Cruz!

3. 'Spirito Santo Consolador! Vós que dais vida e sois Senhor!

6 COLETA

(Após as intenções da Celebração...)

S. Oremos: Ó Deus, vosso povo se alegra porque a Páscoa nos renovou. Pela ressurreição de Jesus Cristo, recuperamos a nossa condição de filhos de Deus. Com toda confiança, esperamos também o dia da ressurreição. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

(As leituras podem ser dramatizadas).

7 PRIMEIRA LEITURA



C. Jesus se manifesta e se torna presente na história dos homens. Isto acontece cada vez que nossa fidelidade e nosso testemunho se tornam ação transformadora.

L. Leitura dos Atos dos Apóstolos (5,27b-32.40b-41). — Naqueles dias o sumo sacerdote fez os apóstolos comparecerem diante do Tribunal Superior, porque eles continuavam pregando a mensagem de Jesus. E ele começou a interrogá-los, dizendo: "Nós tínhamos proibido expressamente que vocês ensinassem nesse nome. Apesar disso, encheram a cidade de Jerusalém com sua doutrina! E ainda querem nos tornar responsáveis pela morte desse homem!" Então Pedro e os outros apóstolos responderam: "É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vocês mataram, pregando numa cruz. Deus, por seu poder o exaltou, tornando-o Chefe Supremo e Salvador, para dar ao povo de Israel a conversão e o perdão dos seus pecados. E disso somos testemunhas, nós e o Espírito Santo, que Deus concedeu àqueles que lhe obedecem". Então mandaram açoitar os apóstolos e os proibiram de falar em nome de Jesus, e depois os soltaram. Os apóstolos saíram do Tribunal muito satisfeitos por terem merecido sofrer insultos por causa do nome de Jesus. — Palavra do Senhor. — **P. Graças a Deus!**

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

(Sl 29)

C. Unamos nossas vozes para cantar e proclamar nossa gratidão ao Senhor, por todas as maravilhas em nosso convívio comunitário. Quero cantar ao Senhor, sempre, enquanto eu viver. Hei de provar seu amor, seu valor e o seu poder!

L. 1. Eu vos exalto, Senhor, pois me livrastes e não deixastes rir de mim meus inimigos! Vós tirastes minha alma dos abismos, e me salvastes quando estava já morrendo!

2. Cantai salmos ao Senhor, povo fiel, dai-lhe graças e invocai seu santo nome! Pois sua ira dura apenas um momento, mas sua bondade permanece a vida inteira.

3. Escutai-me, Senhor Deus, tende piedade! Sede, Senhor, o meu abrigo protetor! Transformastes o meu pranto em uma festa: Senhor, meu Deus, eternamente hei de louvar-vos!

9 SEGUNDA LEITURA

C. Nossa fé nos diz que Jesus é o Senhor. E Ele se apresenta a nós como quem foi constituído por Deus como verdadeiro Senhor de todas as coisas.

L. Leitura do livro do Apocalipse de São João (5,11-14). — Eu, João, tive uma visão e ouvi a voz de numerosos anjos em volta do trono e dos viventes e dos anciãos. Eram milhões e proclamavam em alta voz: "O Cordeiro é digno de receber o poder, a riqueza, a sabedoria e a força, a honra, a glória e o louvor!" Ouvi também todas as criaturas que estão no céu, na terra, debaixo da terra, e as que estão no mar — todos os seres que neles vivem — dizendo: "Aquele que está sentado no trono e ao Cordeiro pertencem o louvor e a honra, a glória e o poder, para sempre!" Os quatro viventes respondiam: — Amém! Então os anciãos se prostraram e adoraram. — Palavra do Senhor. — **P. Graças a Deus!**

10 CANTO DE MEDITAÇÃO



Aleluia! Aleluia! Aleluia!

1. O Cristo nossa Páscoa foi imolado / celebremos pois a festa com alegria.

2. Demos graças ao Senhor, pois ele é bom / porque eterno é seu amor.

11 EVANGELHO

C. Cristo ressuscitado é quem dirige o barco da sua Igreja, que somos nós. Ele a ilumina com a sua presença; atraindo-a à ação apaixonada e generosa, que constrói uma nova humanidade.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!


S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João (21,1-14).

P. Glória a vós, Senhor!

N. Naquele tempo, Jesus apareceu aos discípulos na beira do mar de Tiberíades. Foi assim que ele apareceu: Estavam juntos Simão Pedro, Tomé chamado Gêmeo, Natanael de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e outros dois discípulos de Jesus. Simão Pedro disse a eles: L1. "Eu vou pescar". N. Eles disseram: P. Nós vamos também! N. Saíram e entraram no barco. Mas não pescaram nada naquela noite. Quando já estava amanhecendo, Jesus estava na margem. Mas os discípulos


não sabiam que era Jesus. Então, Jesus disse: S. "Moços, vocês têm alguma coisa para comer?" N. Eles responderam: P. Não! N. Jesus lhes disse: S. "Lancem a rede à direita do barco e vocês irão achar". N. Então eles lançaram a rede. E não conseguiam puxá-la para fora de tanto peixe que pegaram. Então o discípulo que Jesus amava disse a Pedro: L2. — **É o Senhor!** N. Ouvindo dizer que era o Senhor, Simão Pedro amarrou uma roupa na cintura, pois estava nu, e se jogou na água. Os outros discípulos vieram no barco, que estava a uns cem metros da margem. Eles arrastavam a rede com os peixes. Logo que pisaram em terra firme, eles viram um peixe sobre as brasas e pão. Jesus disse a eles: S. "Tragam alguns dos peixes que vocês acabam de pescar". N. Então, Simão Pedro subiu ao barco e arastou a rede para a terra. Estava cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes. Apesar de tantos peixes a rede não arrebentou. Jesus disse a eles: S. "Vamos almoçar". N. Nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar quem era ele, pois sabiam que era o Senhor. Jesus se aproximou, tomou o pão e deu a eles. Fez a mesma coisa com o peixe. Esta foi a terceira vez que Jesus, ressuscitado dos mortos, apareceu aos discípulos. — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

12 PREGAÇÃO — PARTILHA

 (Em comunidades menores pode-se formar pequenos grupos ou cochicho dois a dois. No fim se partilha o que foi conversado).

O medo de nos comprometer gera em nós a covardia: calamos quando devíamos denunciar. Nada fazemos quando devíamos agir. Deixamos as coisas como estão, para ver como é que fica, em vez de lutar por mudanças. Os apóstolos nos dão um exemplo de fé e coragem. Preferem obedecer a Deus do que aos homens: 1. Nossa comunidade já viveu momentos como estes anunciados acima? Que fizemos para corrigir a nossa covardia? // 2. O que falta à nossa liturgia, para que se torne uma festa da verdadeira ressurreição como nos descreve São João? // 3. Os Apóstolos tiveram dificuldade para reconhecer o Senhor; No rosto de quem nós reconhecemos o Senhor, nos dias de hoje? (Citar nomes).

13 PROFISSÃO DE FÉ

 S. Creio em Deus Pai todo-poderoso. P. Criador do céu e da terra...

* 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, caminhantes na coragem e na força da fé, que anima a nossa comunidade, peçamos a Deus que nos torne obediente à sua vontade.

L1. Para que o nosso compromisso de Igreja, para com os pobres e os mais abandonados de nossa sociedade, se torne sinal vivo de libertação e ressurreição, rezemos:

P. Senhor, fazei-nos obedientes a Deus / mais do que aos homens.

L2. Para que a cruz da pobreza, do desemprego, e do salário baixo; a cruz dos nossos irmãos sem terra e sem teto não nos desanime nem nos torne dividido, mas fortalecidos unidos em Cristo ressuscitado, rezemos:


(Outras intenções espontâneas da comunidade...).

S. Senhor nosso Deus, atendei nossos pedidos e nossas preces. Ajudai-nos, na fidelidade do vosso amor, a carregar a Cruz de Cristo, pois muitas vezes acabamos por arrastá-la, por causa de nossos pecados e omissões. Isto vos pedimos por Cristo nosso Senhor.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS

 1. Vendo Jesus aparecer e com eles vir comer, explicando a Paixão, / todos entendem que o Senhor está vivo e, por amor, os envia em missão.

Ressuscitado, o Cristo apareceu; com seus amigos fez a refeição; / e dando a paz, mandou anunciar o amor de seu Pai, em toda a nação.

2. Hoje também, na refeição, revivemos a Paixão e a vitória da Cruz / Vinho e pão sobre o altar servirão para anunciar: "Deus nos salva em Jesus!"

* ORAÇÃO DE LOUVOR

(Se não houver Missa).

A. Pai nosso, aqui estamos juntos e assim nos tornamos mais felizes. Comungamos a mesma fé e a mesma fraternidade, a mesma Igreja, que a nós, o Cristo ressuscitado confiou.

P. (canta, batendo palmas): Hosana Hey! Hosana Ha! Hosana Hey! Hosana Hey! Hosana Ha!

A. Nosso barco é o mesmo barco dos discípulos. Navegamos por todas as ondas da vida: altas e baixas, fortes e fracas, corajosas e tímidas, serenas e agitadas, pobres e ricas. Mas querendo chegar, sabendo onde chegar: no porto do serviço.

P. (canta): Hosana Hey! Hosana Ha!...

A. Nós nos colocamos disponíveis à ação do Espírito Santo e, pescamos e nos alimentamos de muitos peixes e muitos pães que, por nossa vocação e serviço, darão sempre mais frutos e muita vida a todos os povos.

P. (canta): Hosana Hey! Hosana Ha!...

A. Cantemos, irmãos, ao Senhor:

P. (canta): Eu louvarei (4x) Eu louvarei ao meu Senhor!

A. Exultemos de alegria, porque celebramos com alegria a Páscoa do Senhor. Anunciemos agora a vitória de tão grande Rei!

P. (canta): Eu louvarei...

A. O Senhor ressuscitou. Aleluia! O Senhor que morreu por nós na cruz. Aleluia!

P. (canta): Eu louvarei...

A. Alegre-se toda a Igreja e ressoem entre nós as vozes jubilosas do povo fiel. Aleluia!

P. (canta): Eu louvarei...

A. Na alegria de louvar o Senhor ressuscitado rezemos a oração que nos faz irmãos.

P. Pai nosso...


A. Irmãos, peçamos a paz.

P. Senhor Jesus Cristo, / dissestes aos vossos apóstolos: / Eu vos deixo a paz... (no fim, abraço da paz).

MC. Eis o Cordeiro imolado, digno de receber o poder, a riqueza, a sabedoria e a força, a honra, a glória e o louvor. O Cordeiro que tira o pecado do mundo.

P. Senhor, eu não sou digno...


16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

 S. Oremos: Acolhei, ó Deus, as ofertas da vossa Igreja em festa. Vós que sois a causa de tão grande júbilo, concedei-nos também a eterna alegria. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!


17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

(Compete apenas ao sacerdote. No fim):

S. (canta): Tudo isto é Mistério da Fé!

 P. (canta): Toda vez que se come deste Pão / toda vez que se bebe deste Vinho / se recorda a Paixão de Jesus Cristo e se fica esperando a sua volta! Vem, ó Senhor! Vem, ó Senhor! Vem, Senhor Jesus, vem!

18 CANTO DA COMUNHÃO

 1. São muito felizes os que crêem mesmo sem ver / que estás, Senhor Jesus, sob o pão, presente e vivo no meio de nós.


"Eis o meu Corpo, tomai e comei. Eis o meu Sangue, tomai e bebei!"

2. Só tua vitória sobre a morte fez-nos sorrir. / É a alegria de saber: o futuro de nossa vida é viver junto ao Pai.

3. Com esta certeza de teu Reino estar entre nós, / entregamos-te, Senhor, nossa vida a trabalhar na construção da paz.

4. Juntos nesta hora, nós queremos te agradecer, / pois tua vida em nossa vida nos faz Senhor ser sinais de um futuro feliz.

19 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Oremos: Ó Deus, olhai com bondade o vosso povo e concedei aos que renovastes pelos vossos sacramentos, a graça de chegar um dia à glória da ressurreição. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade...).

C. Obedecer mais a Deus do que aos homens. Dizer sim e amém aos riscos da fé e da missão. Assumir o Evangelho e a causa do Povo. Descobrir Cristo no rosto de cada irmão...

21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo. P. Amém. Aleluia!

S. Vamos em paz e o Senhor Ressuscitado nos acompanhe. P. Amém!

22 CANTO DE SAÍDA

1. Vamos, irmãos, cantar nossa alegria, / pois o Senhor Jesus ressuscitou! Aleluia! Aleluia! Aleluia! Aleluia!

2. Vamos, irmãos, viver nesta certeza / que o Senhor Jesus ressuscitou!

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: At 6,8-15; Jo 6,22-29. / 3ª-feira: At 7,51-8,1a; Jo 6,30-35. / 4ª-feira: At 8,1b-8; Jo 6,35-40. / 5ª-feira: At 8,26-40; Jo 6,44-51. / 6ª-feira: At 9,1-20; Jo 6,52-59. / Sábado: At 9,31-42; Jo 6,60-69. / Domingo: At 13,14-43-52; Ap 7,9-14b-17; Jo 10,27-30 (Dia Universal de Orações pelas Vocações).

QUANDO DERRUBARÁS OS PODEROSOS?

Nossas comunidades eclesiais do Brasil gostam muito de dois textos bíblicos, para fundamentar sua fé e alegria de Povo de Deus: o Livro do Êxodo, que conta como os israelitas se libertaram da escravidão do Egito, caminharam 40 anos pelo deserto, enfrentaram os inimigos e conquistaram a Terra Prometida, onde se tornaram povo livre; e a passagem dos Atos dos Apóstolos (2,42-47), que conta que os discípulos de Cristo tinham tudo em comum: viviam unidos, vendiam suas propriedades e bens e dividiam com todos, segundo a necessidade de cada um. Esse testemunho concreto da comunidade primitiva fazia com que sempre mais gente se convencesse e se sentisse atraído para pertencer à Igreja.

“A Igreja dos inícios tentou realizar a sociedade fraterna, que é sinal do Reino. A experiência da repartição dos bens não deu muito certo, do ponto de vista prático (cf. Rm 15,26), em parte porque, ao se colocar em comum os bens de consumo, venderam-se os meios de produção. A experiência foi retomada pela Igreja posteriormente, e com êxito, como no caso dos mosteiros, onde a terra e os bens são colocados em comum, apesar de se limitar a um grupo restrito, no caso, os religiosos.

No mundo greco-romano, as comunidades cristãs de Paulo e João, entre outras, nasceram e se desenvolveram sobretudo em ambiente urbano. Isto abriu novos horizontes e fez com que o zelo pela terra se ampliasse e

se concretizasse na luta pela justiça, pelas relações mais igualitárias entre judeus e gregos, escravos e livres, homens e mulheres (cf. Ef 2,13-18; Gl 3,25-29).

No fim da época apostólica, a Igreja continuava a pregar profeticamente em favor da fraternidade e contra a exploração: “Lembra-vos de que o salário, do qual privastes os trabalhadores que ceifaram vossos campos clama e os gritos dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos. Vivestes faustosamente na terra e vos regalastes; vos saciastes no dia da matança. Condenastes o justo e o pusestes à morte” (Tg 5,4-6).

Todo esse itinerário bíblico da terra, mais que um desenvolvimento de idéias, é uma caminhada de vida e de fé, que nos serve hoje ainda de impulso para nossa ação em nossas comunidades e nos faz louvar ao Senhor com as palavras do Salmo: “A ti convém o louvor em Sião, ó Deus; visitas a terra e a regas, cumulando-a de riquezas. O ribeiro de Deus é cheio d’água, tu preparas teu trigal. Preparas a terra assim: regando-lhe os sulcos, aplainando seus torrões, amolecendo-a com choviscos, abençoando-lhe os brotos. Coroa o ano com tua bondade e tuas trilhas gotejam fartura; as pastagens do deserto gotejam e as colinas cingem-se de júbilo; os campos cobrem-se de rebanhos e os vales se vestem de espigas, dão gritos de alegria e cantam” (Sl 65,2.10-14).

Louvor ao Senhor pela beleza da terra, criação de Deus; poesia da terra, que é fonte

de alimento, moradia e alegria para uma infinidade de irmãos. Terra da qual cada um possa ter um pedaço, para sentar-se debaixo de sua vinha e debaixo de sua figueira, sem inquietações, situação que os israelitas lembravam com saudade (cf. Rs 5,5) e que o profeta Miquéias considerava o protótipo da era messiânica (cf. 4,4). Um sonho de Deus que nos ajuda a vislumbrar mais concretamente, na fé, “um Céu novo e uma nova Terra” e a essa Terra “descer do céu, do lado de Deus, a cidade santa, uma Jerusalém nova” (Ap 21,1-2).

Mas toda essa beleza parece sonho, quando contemplamos a realidade brasileira. Terra quase infinitas acumuladas em mãos de minoria que dela não precisa para viver. Donos milionários vivendo em mansões nas cidades e conservando cativa a terra de que não precisam. O gado mais reverenciado e respeitado do que o pobre. Este, jogado de um lado para o outro, sem eira nem beira, arrastando a família faminta, no exílio de sua própria pátria. Quando Deus cumprirá a promessa de derrubar os poderosos e despedir os ricos de mãos vazias? Quando este povo entender-se como o instrumento histórico de realização da promessa. Nada cai feito, a justiça não cresce como capim. Ela há de ser construída, através da união organizada dos injustiçados os quais, no Brasil, constituem a maioria esmagadora do Povo de Deus. (F.L.T.)

EM TORNO DA LITURGIA

O LATIM PRESERVAVA O MISTÉRIO...

Já durante as sessões conciliares, ouvia-se a objeção que ainda hoje certos grupos repetem: “O Latim preserva o mistério da Fé; o Latim é a língua sagrada por excelência; na sua admirável força de síntese, que permite dizer muito com poucas palavras, o Latim é insuperável; na sua precisão e fixação de língua morta, o Latim preserva a integridade da Fé; o Latim, como língua litúrgica da Igreja Católica, exprime e defende a unidade da Igreja; a Tradição católica exige a conservação do Latim como língua oficial da Igreja e como língua sagrada”. Ninguém nega certos aspectos positivos do Latim como língua da Liturgia na Igreja Latina. Mas a questão é mais profunda: como é que o Povo de Deus na celebração litúrgica pode usar uma língua desconhecida? Entendendo-se, clericalmente, que só o padre celebra e que o Povo de Deus só assiste, tanto faz que a celebração seja feita em Latim, ou em Grego ou em Hebraico. Mas se valer o princípio da Fé, de que com o padre que faz as vezes de Jesus Cristo na celebração da Eucaristia, todo o Povo de Deus concelebra, participa, então é impossível tirar a consequência de que a celebração eucarística deve ser realizada preferencialmente na língua que o Povo de Deus entende.

Esta foi aliás a praxe da Igreja primitiva. Primeiramente usava-se o grego, como língua litúrgica. Mas quando o Cristianismo criou raízes fortes no Povo Romano que não falava mais Grego, a língua litúrgica passou a ser o Latim, a língua do Povo.

Com a visão do Concílio Vaticano II, podemos dizer que a língua nacional, usada na Liturgia, nos fez o mistério mais transparente e mais acessível. (A.H.)

O POVO CONTINUA EXCLUÍDO

Esse o título de artigo do historiador Antônio Cândido, publicado no JB (22-12-85), do qual achamos importante transcrever alguns trechos, que nos ajudam a entender melhor a realidade brasileira. Diz o articulista que “Os países da América Latina realizaram sua independência política sob o influxo da Ilustração. (Nota da Folha: movimento filosófico europeu do século XVIII que exagerava o valor da razão, em contraposição com a fé). Os promotores de nossas independências políticas assumiram alguns princípios da Ilustração: 1. O saber trará a felicidade dos povos; 2. O saber é aquele que veio da Europa, trazido pelo colonizador, 3. Os detentores deste saber formam uma elite que deve orientar o destino destas jovens nações.

A principal consequência foi a idéia que o saber seria difundido por todos, a partir das luzes de poucos. Esta era a missão das elites, como se elas dissessem: “Devemos possuir os instrumentos do poder, porque sabemos; e como sabemos, levaremos aos outros o saber, que é a felicidade. Confiem em nós!” Estas convicções tiveram, ao contrário, a consequência de fechar e restringir a iniciação na cultura intelectual, bem como seu uso social e político. O saber tornou-se um saber de classe e de grupo, instrumento de dominação do inferior, pela privação do saber. “Eu é que sou doutor de Coimbra, eu é que sei, eu é que mando!”

A história dos ideais ilustrados, na América Latina, tem às vezes um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade... Tal situação torna-se inteligível, quando lembramos que, na América Latina, o saber foi fator ativo no sistema de dominação imposto pelo colonizador, porque serviu inclusive para impor a língua, a religião, os valores morais, a reverência aos senhores... Idéia tutelar de nossas ideologias de Independência nacional, a Ilustração acabou justificando o privilégio do saber para

as elites, com todo o poder que a isto se associa...

Esta situação comportava o acesso de indivíduos recrutados em camadas modestas, desde que assimilassem a ideologia proposta e funcionassem como parte do estrato dominante. Assim, essa pequena ampliação de recrutamento não alterou essencialmente o cunho de privilégio. Havia sociedades secretas estudantis, destinadas a ajudar os economicamente mais pobres, ao mesmo tempo que encaminhavam seus membros à assimilação dos valores da classe dominante. As instituições brasileiras de ensino superior foram máquinas eficazes de conformação das mentalidades... As elites se renovavam até certo ponto, mas preservando a passagem pela mesma neira fina...

O golpe militar de 1964 instaurou uma prática que se revelou demagógica, lançando uma campanha em larga escala para alfabetizar toda a população em curto prazo. Apesar do fluxo de recursos, o fracasso foi completo e, 20 anos depois, o número dos que não sabem ler nem escrever aumentou!... Atualmente o Brasil é a 8ª potência econômica do mundo, mas ocupa o 63º lugar quanto ao nível de vida da população. Na estrutura da sociedade, observa-se a mesma polarização iniqua que ocorre no domínio da cultura intelectual: o máximo de concentração dos bens ou do saber convive com o máximo de miséria e ignorância, como se esta proporção fosse a própria razão de ser da nação brasileira, como se houvesse um projeto implícito, decorrente da própria natureza da sociedade vigente.

As revoluções da Independência foram canalizadas para as classes dominantes... As do nosso tempo deverão mostrar que as possibilidades do saber têm de ser finalmente abertas para todos, por meio das lutas sociais e políticas adequadas. As reformas da estrutura é que permitem as verdadeiras mudanças de ensino”. (F.L.T.)